

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA
Redação: RUA BUENOS AIRES, 147-A — 2.º ANDAR — SALA 2

Administrador: MANUEL PEREZ

ANO IV — N.º 55

Rio de Janeiro, Sexta-feira, 20 de Maio de 1949

Preço: Cr\$ 0,50

CAIXA POSTAL 4.538

AGORA E SEMPRE, ABAIXO AS ARMAS!

Por GERMINAL

A reação trabalha com todas as forças. Se continuar no mesmo ritmo, explodirá a caldeira e chegaremos em breve ao mesmo ponto de 1939.

A situação política torna-se desesperadora pois a reação enfrenta a reação. Ambas alegam que lutam pelo progresso: uma, em nome da liberdade e a outra em nome da justiça e da igualdade.

Enquanto os demagogos da democracia nos querem convencer, com palavras patrióticas, de que é nosso dever sagrado defender a civilização cristã e o cofre forte dos capitalistas, Stalin quer que lutemos pelo Estado totalitário, que garanta a liberdade positiva.

O capitalismo é liberal, como o marxismo socialista, somente na fachada. Truman e Stalin, sob a influência nefasta de seus Estados Maiores querem, a toda força, uma definição da supremacia; por isso estuda, cada um, os meios necessários para desfechar traiçoeiramente um golpe fulminante para depois acusar o outro como agressor.

Esses patriotas e socialistas sabem perfeitamente onde querem levar os povos. Desejam a guerra e por isso preparam-na como um ladrão prepara um assalto; pois estão convencidos de que, no momento atual, as circunstâncias lhes são favoráveis: porque um possui a bomba atômica e o outro, armas secretas.

Antes que eles abandonem seus interesses pessoais, que defendem sob o manto da pátria e de ideologias gastas, jogando todas as suas cartas. Todas! E uma daquelas com que eles mais contam é a guerra! Pois esta lhes deverá restituir dum só golpe, todas as concessões que a diplomacia secreta, forçada pelas circunstâncias, determinou durante a última carnificina.



Nosso Jornal

Em Abril passado, entrou AÇÃO DIRETA no quarto ano de publicação. Assim, embora com dificuldades e sacrifícios, vamos conseguindo manter no Rio de Janeiro um porta-voz do movimento anarquista. Resolvidos diversos problemas (tipografia, colaboração, distribuição, etc.) outro nos surge, que precisamos de enfrentar desde já. É o problema econômico. Como sabem, AÇÃO DIRETA vive quase exclusivamente das contribuições de alguns dedicados companheiros. Não publicamos anúncios. Os assinantes são em número reduzido. Pequena é a venda avulsa e além disso, cada exemplar vendido nas bancas não paga metade sequer do seu custo. Devido ao aparecimento mais regular do nosso jornal, diminui de mês para mês o saldo acumulado anteriormente. Vemo-nos, pois, forçados a apelar para os companheiros e simpatizantes. Que nos enviem suas contribuições aqueles que ainda não o fazem. Que se constituam pacoteiros. Que procurem obter novas assinaturas. Dessa maneira, com o esforço de todos, cada um dentro de suas possibilidades, AÇÃO DIRETA continuará aparecendo e lutando pela realização de nosso ideal, a Anarquia.

Correspondência para a caixa postal n.º 4.538. Valores em nome de Manuel Perez.

Leiam A PLEBE. Pedidos à caixa postal n.º 5.739.

Para preparar os povos, exaltam o patriotismo e a "nossa civilização", procuram fortificar os princípios do Estado nacional e por isso precisam semear o ódio entre os povos. Sabem perfeitamente que o homem da massa não é indefinidamente insensível a tais inspirações e excitações fanáticas. Principalmente quando a imprensa e o clero, orientados pelo governo, influenciam e dirigem os sentimentos destes pobres coitados.

Desta maneira criam conscientemente aquilo a que os médicos chamam psicose: A psicose da guerra!

Não digamos que as pequenas potências, os satélites, desejam a guerra: todas a temem! Mas, resignam-se, porque se acham economicamente escravizados pelos grandes. Sacrificam o povo por uma coisa alheia e completamente inútil, a qual, no caso de ser utilizada e sair vitoriosa, deixará o povo em maior miséria ainda.

Em vez de lançarem mão de tudo para se livrarem dessa escravidão e evitarem sua própria ruína, não pensam senão numa coisa: aumentar até o extremo, o mais depressa possível as suas máquinas de morte, enquanto o povo sofre e come pão falsificado e engole mentiras oficiais.

Toda atividade que poderiam empregar em defesa da paz, em-

pregam para servir seus amos e conduzir o povo à catástrofe.

Sem consular ninguém, quem de novo levar o povo, como um rebanho, ao matadouro.

Nunca nenhum governo deu provas de tal cinismo, nem teve a sua disposição semelhante arsenal de meios para multiplicar as calúnias, sugerir falsas interpretações, espalhar mentiras, semear o pânico e o ódio, em síntese, tudo aquilo de que necessita para tornar o povo seu cúmplice.

Eis os fatos! Que fizeram das quatro liberdades? De nossa consciência? De nossa dignidade de homens? Que fizeram da felicidade dos povos?

Tem um grupelho de criminosos o direito de nos arrancar de nossas famílias, de nosso trabalho e, dispondo do nosso próprio corpo, ir contra os nossos interesses pessoais, contra a nossa vontade, contra as nossas convicções, contra os mais humanos, os mais puros, os mais legítimos de nossos sentimentos?

Quem foi que lhe deu o direito de dispor de nossa vida?

Fomos nós mesmos com nossa ignorância e nossa passividade?

Se foi, exigimos agora, o direito de nos revoltarmos contra a injustiça, pois, entre os instigadores de guerra e o povo, não existe nem poderá nunca existir uma base comum.

É necessário que os povos de todas as línguas, fatigados de tanta miséria, de tanta opressão, de tanta mentiras e ilusões, compreendam finalmente que têm o direito legítimo de livrar-se dessa malta sem escrúpulos, que quer levar-nos outra vez no redemoinho da morte.

A hora é grave, mas tudo depende do proletariado internacional!

A simples ameaça de caráter geral bastaria para mudar, da noite para o dia, a orientação dum política criminoso!

Nosso dever?

É simples e claro!

Um único objetivo: A paz!!!

Não digais que nada podemos fazer contra a escravidão e a morte!

A liberdade, a segurança, a alegria de viver, toda essa felicidade que vos roubaram, só depende de vós conquistá-la! Vós tendes um meio infalível de evitar a catástrofe! Sôbr' vossos ombros e vossa vontade repousa a vida e o destino do mundo.

Tendes de decidir-vos a gritar aquele Não! salvador, que quebrará a ordem dos assassinos e paralisará os tendões dos incendiários!

Vós deveis saber que, de sagrado, só existe uma coisa: o trabalho produtivo. Todo o resto, a fé e a cultura, a razão pura, a ordem da sociedade, tudo isso deve ser edificado de novo e isso nos alicerces inalteráveis da anarquia!

Proletários de todos os países! Vós sois homens, vós sois irmãos! Em nome de vossas mães, de vossas mulheres, de vossos filhos; em nome do que há de mais nobre em vós, aproveitai esta última oportunidade! A salvação está ao vosso alcance! De pé! Todos de pé! Desperta, enquanto é tempo!!!

O Perigo Comunista, motivo de repressão

Ninguém mais do que nós é contrário ao comunismo; os que nos conhecem sabem-no bem, os comunistas também. Repudiamos o comunismo (queremos dizer, o stalinismo...) não por mesquinhos interesses políticos, mas por convicção ideológica: somos, dum modo geral, contrários ao marxismo.

Os anarquistas foram sempre e em toda parte as primeiras vítimas dos comunistas: na Rússia, na Espanha, e, ainda em nossos dias, nos países que vivem espiñados pela bota russa. Apesar de todos os crimes que foram cometidos contra nós, não nos deixamos cegar pelo ódio. Combatemos ideologicamente os comunistas, combatê-los-emos de armas nas mãos quando eles nos atacarem, mas jamais nos associaremos aos "democratas", cristãos ou não, e aos fascistas que, sob o pretexto de combater o comunismo, querem simplesmente destruir toda oposição ao seu regime. É um fenómeno mundial; e no nosso país, em particular, os senhores do momento, arvorados em campeões da liberdade, ao mesmo tempo fazem-nos morrer de fome, viajar como bois e trabalhar como burros. E, o que é pior, querem impedir-nos de protestar!

Os tais senhores combatem o stalinismo porque ele é inimigo da liberdade. Mas que liberdade nos dão eles? A de morrer de fome, e a de nada dizer! A greve, um dos direitos sagrados do trabalhador, foi proibida, provando-se assim a evidente má fé dos nossos governantes, que confundem positivamente justas reivindicações com agitação comunista. Acreditais que um operário, que ganha 25 cruzeiros por dia e que paga 7 cruzeiros por um quilo de arroz, tenha necessidade de ser comunista para protestar? Não! Basta-lhe ser homem! Não vêdes que ele morre de fome?

O atual estado de coisas é devido sobretudo à falta de resistência da classe operária, que, com seu desinteresse pela própria sorte, permitiu que, pouco a pouco, o governo suprimisse todas as liberdades. Mas os nossos governantes enganam-se, se creem que esse estado de coisas pode durar muito tempo! Por falta de união, por

FIGURAS DO ANARQUISMO



MAX NETTLAU

Nasceu Max Nettlau no dia 30 de Abril de 1865, em Neuwaldegg, próximo a Viena (Áustria). Descendia de antiga família prussiana. Recebeu excelente educação e, aos 23 anos de idade, era Doutor em Filosofia e Letras, defendendo, como tese, a origem e extensão das línguas Célticas. Referindo-se a sua juventude diz Nettlau: *Crescemos sob a tempestade de acontecimentos revolucionários na Rússia. Todos presenciamos a terceira maré que varreu o Tzarismo: outros assistiram à segunda, que o socavou; e os mais velhos, ao empurrão inicial, anterior a 1881. Ainda me lembra aquela manhã em que meu pai me despertou gritando: "Dorminhoco! Mataram o Tzar!" e eu, saltando da cama, comecei a dançar, cheio de alegria!*

Assim vemos o jovem Nettlau, aos 15 anos, cheio de idéias revolucionárias e para nós é fácil compreender que a heroica luta dos revolucionários russos, que assombrou o mundo inteiro, tivesse uma profunda ressonância na alma adolescente de Nettlau.

Dedicou-se mais tarde a escrever "A Bibliografia da Anarquia"; publicou todas as obras de Miguel Bakúnine. Sua obra é imensa. Citamos dentre elas: as biografias de E. Malatesta e E. Reclus; *A Idéia Anarquista, seu Passado e seu Porvir*. Não se limitavam seus trabalhos a história, apesar de ser considerado como o maior historiador do anarquismo; como pensador, era uma consciência extraordinariamente desperta, um cérebro de extraordinária agilidade a que se unia um juízo muito equilibrado, uma visão ponderada e serena, com uma profundidade e audácia que o levou a contemplar com simpatia todos os atrevimentos ideais. Aceitou com agrado a denominação de anarquista sem adjetivos, considerando que o anarquismo tem em si mesmo bastante base filosófica para não necessitar de complementos. Falleceu no dia 23 de Julho de 1944, em Amsterdã, e somente anos após sua morte é que o movimento anarquista veio a conhecê-la, devido a que a Holanda estava ocupada pelos nazis. Não terminaremos estes breves traços biográficos sem transcrever ao menos um pequeno escrito de Nettlau: *O doutrinarismo de tipo econômico propagou e semeou a confusão nos valores mais simples, nas coisas mais elementares; o doutrinarismo econômico é tão falaz como as fórmulas políticas e as ficções religiosas. E sem dúvida um estudo dos mais sugestivos averiguar como se transmitiu o poder econômico de uma classe de privilegiados para outra, seguindo as condições de produção. Porém jamais o poder passou às mãos dos que trabalham e com respeito às últimas esperanças que sustentem os socialistas autoritários de horizontes limitados, relativa à passagem do capital cada vez mais concentrado, voluntariamente, para mãos do Estado, unido ao socialismo, desde que esse mesmo socialismo quis dar-lhe importância e aumentar o poder, para que a herança estatal fosse mais valiosa, esquecem-se porém de que o Estado cria uma nova casta burocrática, para a qual os trabalhadores são obrigados a trabalhar sem descanso, como aconteceu na Rússia, onde trabalham dominados sob garras de ferro.*

medo também, o proletariado não fala alto. Mas, sob as cinzas, o fogo permanece! Esperamos que ele desperte num futuro próximo. Se forem cometidos excessos, a culpa será apenas dos governantes.

Dizia La Fontaine: "A cólera do rei é terrível!". E nós acrescentamos: não o é menos a do povo!
J. TIBOGUE

O esperanto, instrumento de libertação dos povos

Cardeal Contra...

(Continuação da 1.ª página)

O progresso, na conquista incessante de novas etapas, tem acentuado cada vez mais a necessidade duma língua mundial, que facilite o intercâmbio das idéias e as relações materiais entre todos os seres humanos. O crescente movimento de intercâmbio material e intelectual dos povos, que caracteriza a nossa época, camartelando impiedosamente os odiosos muros espirituais, com que o despotismo obscurantista pretende manter divididas, para mais facilmente as dominar, as populações da Terra, torna indispensável a adopção duma língua única, em que se possam compreender todos os povos do mundo.

Postas de parte as soluções longo tempo apresentadas para o problema da língua mundial (a da escolha das línguas vivas mais faladas — o inglês, o francês, o espanhol, etc., — impraticável por motivo do egoísmo patriótico, que leva cada uma das nações a reivindicar, contra o amor-próprio das outras, a primazia para a sua língua; e a eleição duma das línguas mortas — latim ou grego — que, além de não possuírem já termos próprios para designarem instrumentos e necessidades novas, criadas posteriormente pela evolução, são duma extrema dificuldade de aprendizagem, resultante da indisciplina da sua gramática, que as torna manobráveis apenas por eruditos e inacessíveis a homens de mediana cultura clássica e linguística), postas

de lado as duas soluções expostas, uma única solução nos resta: a utilização duma língua artificial, a-posteriori, de fácil aprendizagem para todos os povos.

Esta língua existe: é o esperanto, esboçada admiravelmente, com uma visão nitida da fenomenologia filológica, nos fins do século passado, pelo sábio poliglota polaco Zamenhof.

Graças à impecável arquitetura da sua gramática sintetizada em 16 regras, duma relação matemática e dum positivismo filológico inimitável; graças ao carácter internacional do seu vocabulário, capaz duma elasticidade até o infinito; mercê do admirável mecanismo da sua construção; graças ao sortilégio da sua eufonia, colhida do italiano; graças à inexistência de irregularidades e de exceções; graças a tudo isto, que a torna duma aprendizagem facilíssima — ao fim de três meses de estudo duma hora diária, qualquer indivíduo está apto a utilizá-lo — o esperanto venceu no meio de todas as tentativas anteriores e posteriores de língua artificial. Tem hoje uma vida real, falado e escrito em todas as partes do mundo culto, propagado por 5.000 sociedades, por mais de 100 revistas e jornais esperantistas, literários, científicos e sociológicos, e afirmado anualmente em vários congressos internacionais, e diariamente, pelas grandes estações da T. S. F., a sua praticabilidade. Em muitos países é ensinado nas escolas, quer a título facultativo, quer obriga-



gatório, e, em volta de várias internacionais profissionais, políticas e neutras, intensifica-se o movimento progressivo do Esperanto.

Para nós, revolucionários sociais, o esperanto possui um significado e uma função diferentes daquele significado e daquela função, que possui para os burgueses das várias tendências. Para nós, o esperanto não é um simples instrumento de turismo, que os endinheirados "globe-trotters" levam com suas bagagens na sua ociosa peregrinação pelo mundo, nem um processo de reclamação e de exploração, como o é para as grandes empresas capitalistas, nem também linguagem oficial, como o foi para a democrática Sociedade das Nações, cujo "Bureau International du Travail" publicava um boletim em esperanto. O esperanto, para nós, antinacionalistas, é o idioma da pátria única do futuro, que resultará da fusão

de todas as pátrias exclusivistas, fonte perene das guerras em que o mundo se debate.

Para que os povos se unam é indispensável que se compreendam. O esperanto é esse admirável traço-de-união de todos os escravos do globo terrestre. É o rubro lábaro que, flutuando por sobre as fronteiras, realiza o milagre de libertar os trabalhadores do mundo do terrível anátema lançado pelo iracundo Jeová sobre os arrojados construtores do vale das terras de Shinar.

E assim que o compreendem alguns milhares de trabalhadores e revolucionários de todo o mundo, que constituem a Sennacieca Asocio Tutmonda (Associação Anti-Nacionalista de todo o Mundo), fundada há vinte e oito anos e cujos objetivos estão sintetizados na sua divisa: "O esperanto ao serviço do proletariado". Nós, anarquistas, não podemos alhear-nos do movimento esperantista. Todo anti-nacionalista, todo universalista, tem de ser, logicamente e coerentemente, esperantista. E vice-versa, todo esperantista deve ser antinacionalista.

Eis porque todo trabalhador consciente, todo revolucionário, deve aprender o esperanto, o harmonioso, científico e simplíssimo idioma, para o qual está reservada a grande e generosa Pátria do Futuro, cujos caboucos vamos, dia a dia, contruindo.

NORBERTO PEDROSO

sinceras que sejam, dos nossos irmãos, mas o fervor pelo seu melhoramento espiritual e moral". (Da carta sobre o "Sulco" de Mark Sannje-Saneier, 1910).

Torquemada não racionava de outro modo, como não racionava de outro modo Stáline, que o Vaticano hoje excomunga, em vez de concederá-lo com a comenda de Cristo por ter aprendido tão bem as lições da Igreja sobre a intolância.

Quem haveria de prever, nos séculos passados, que a Igreja ainda um dia se apresentaria como ardorosa defensora da liberdade de pensamento? Eis um milagre que devemos aos "comunistas" de Moscou!

RAFAEL MALAGUERRA

CURSO DE ESPERANTO POR CORRESPONDÊNCIA

Está aberto um novo curso de esperanto por correspondência sob a orientação do prof. Roberto das Neves, diretor do Brazilia Instituto de Esperanto. Os interessados devem endereçar os seus pedidos de inscrição para o B. I. E., Caixa Postal 142 (Lapa) — Rio de Janeiro.

7. Da harmonia. Ritmo visual e auditivo. A rítmica greco-latina.

1. Prometi, no ponto 4 (Ação Direta de 15 de fevereiro de 1949 — n.º 52), tratar a seu tempo dos ritmos achadinhos em verso ou em prosa.

Em meu Manual de estilo disse eu consistir a harmonia em compor as frases com os ritmos mais bem combinados. Harmonia no estilo é, realmente, um jogo de ritmos.

2. Ritmo é uma sequência regular de sinais. Podem ser tácteis, visuais ou auditivos. Uma série regular de traços ásperos e lisos é, para o tato de um cego, verdadeiro ritmo. Qualquer sucessão de pontos, pontilhais, vírgulas, etc., com o mesmo intervalo, é ritmo visual. Uma grega do mesmo número de passos, uma sinuosa regular, qualquer aspecto com sucessividade simétrica é ritmo visual. Finalmente, o tiquetaque do relógio é exemplo obrigatório do ritmo sonoro, matematicamente regular. O bater de um monjolo, as pancadas da meia noite num carrilhão, o ressoar do cencerro ao chouto da madrinha, sem terem ritmo matemático, são exemplos de ritmo auditivo.

O ritmo pode ser uno ou misto. Os acima alegados são unos, tal a sucessão de pontos a iguais distâncias. Entretanto, pode um ponto ser seguido de uma pontilha, ou haver três círculos seguidos de um quadrado, ou três pancadas breves de maceta num bombo seguidas de uma forte como no Zé Pereira.

A linguagem, sequência de vozes, havia por força, de, mais dia menos dia, suscitar o prazer do ritmo. Os tautologias, possivelmente, se acham na infância da linguagem. O ladrado caminava: au — au, au — au, au — au, seria, quero crer, imitado. As cantigas selvagens não passam de seguimentos rítmicos, em geral monotônicos, acompanhados de pancadas secas ou sonoras.

3. Os poemas orientais deveriam ter seguido algum ritmo pois sabemos haverem sido cantados ou acompanhados com música, mormente os hinos.

Entretanto, a teoria e codificação dos ritmos só foi feita na Grécia e, tão cabalmente, que exauriu o assunto. O que se fez, do Renascimento para cá, foi mera adaptação dos ritmos quantitativos a ritmos tónicos e isso mesmo nas línguas românicas. Nestas, além disso, assentaram-se formas métricas de ritmo variadíssimo, todas, porém, firmadas nos pés gregos.

4. Vejamos qual a concepção soberba e a genial tarefa dos poetas helênicos.

A dança lhes ensinou que há passos breves, com pés pouco firmados, e passos longos, com calcamento de um dos pés e demora maior.

Sentiram, nessa maior demora, o dobro, triplo ou quádruplo da demora rápida.

Para termos uma idéia do que seria, consideremos a valsa de hoje. Vemo-la escrita em compasso ternário, de modo que o dançante, calca o pé num tempo forte e dá dois passinhos breves nos outros dois tempos. Temos a valsa com o ritmo dáctilo, ou então, os dois passos breves precedem o passo firme e o ritmo é anapéstico. Poderíamos, hoje, sentir isso numa quadra como esta:

Rápido
Vértice
Leva-te
Lépida.

Isso disposto numa só linha formaria um verso de quatro pés dáctilos ou, como lhe chamavam os gregos, uma tetrapódia dáctilica:

Rápido vértice leva-te lépida

Ao contrário, a seguinte quadra:

Supliquei
Um perdão
Recebi
O desdém

posta num verso daria:

Supliquei um perdão, recebi o desdém.

Constituiria uma tetrapódia anapéstica.

5. Para armar seu sistema, consideraram os gregos, teoricamente, que o tempo de uma sílaba longa (makrá) equivaleria ao de duas sílabas breves (brakhéia). Teoricamente, porque havia longas com duração de três a cinco breves. Um grupo de três era um kólon e um grupo de kólon constituía um verso.

6. Os gregos procederam a uma espécie de análise combinatória na constituição dos pés métricos. Reconheceram a impossibilidade de estabelecer um pé de duas sílabas breves, aliás chamado pírrico. Ainda no fim do verso, duas breves eram tidas por uma longa.

Assim, partiram do pé de três sílabas breves ou tribraco, do de quatro: proceleusmático, do de cinco: pentabraco, e do de seis, sem nome especial.

Ora, o tribraco, já que duas breves equivalem a uma longa, poderia considerar-se formado: a) de uma longa e uma breve e chamava-se troqueu (trokaíes) ou coreu (khoréios); b) de uma breve seguida de longa e chamava-se jambo (iambos).

Em português, teríamos uma idéia aproximada de tais pés, vendo um tribraco na palavra léculo, sem acentuar muito o lo, sentindo que as três sílabas têm o mesmo tempo de pronúncia. Quando pronunciamos, por exemplo, lívido, temos a impressão de um

CURSO DE LITERATURA

Prof. JOSÉ OITICICA

(Catedrático do Colégio Pedro II)

tribraco, porque o li, para nós, é tão rápido, quando as demais sílabas. Já um poeta latino assim não sentiria porque li no latim li-vidus é longo. Eles pronunciavam como se fosse li...vidus, com i arrastado, ou dois is ditongados (liividus).

Do troqueu teremos idéia pronunciando o seu antônimo: jambo e, viceversa, a palavra troqueu, mormente preferida à portuguesa (truqueu), dá idéia de um jambo.

Como o ritmo tribraco não figura na métrica neolatina, previno de que considerarei trocaicos as palavras dissílabas paroxítonas e jámbicas as dissílabas oxítonas. No ritmo, pouco importa se trate de medir por tempos ou acentos.

7. Do proceleusmático (quatro tempos breves) saíram, pela análise, os seguintes:

- uma longa e duas breves: dáctilo (dáktylos)
- duas longas e uma breve: anapesto (anápaistos)
- duas longas: espondeu (spondeios).

Em português são pés dáctilos: lágrimas, lívido, vértice, isto é, todos os trissílabos proparoxítonos. (Note-se que tais pés poderão ocorrer dentro de palavras ou entre palavras (intraverbais ou interverbais). Serão anapestos trissílabos: professor, capitel, arrumar. Serão espondeus: vovó, ronron, zástrás, ou, em duas palavras: não! não!; oh! sim!; quem quer? É característico das palavras autossilábicas o ritmo espondeico. Daí o erro gráfico de se acentuar, em tais palavras, apenas a última sílaba. Com efeito, vovó leva-me a pronunciar a palavra com ritmo jámbico, como se fora vuvó, a portuguesa.

8. O pentabraco deu a) os quatro péons (páion): — primeiro: uma longa e três breves; — segundo: breve, longa, duas breves; — terceiro: duas breves, longa breve; — quarto: três breves e uma longa; b) o crético (kreticós) uma longa, uma breve e outra longa; c) o braqueu (brakéios): uma breve e duas longas; d) o palimbraqueu (palimbrakéios): duas longas e uma breve.

Em português, representaríamos o péon primeiro por: déramolo; o segundo por: alvissaras; o terceiro por: uniforme; o quarto por: desiludir. O crético sente-se em conspirar, transformou, subvertêr. O braqueu ver-se-á na expressão: saber dár. O palimbraqueu na expressão: vou vê-lo.

9. O pé de seis unidades breves deu: a) os dois iónicos (iónikós), o menor (ap'elássonos): duas breves mais duas longas e o maior (apó meizonos) duas longas mais duas breves; b) o coriambo (khoriambos): longa, duas breves, longa, misto pois de coreu e jambo; c) o antispasto: breve, duas longas, breve; d) o molosso: três longas.

Representá-lo-famos assim: iónico menor, na frase: proceder bem; iónico maior, na frase: vi lágrimas; o coriambo em: salva-guardar; o antispasto em: correr mundos; o molosso só se pode representar onomatopoeicamente: ronronron, zumzumzum, ou redundantemente: não! não! não!

10. Como, neste curso limitadíssimo, não me refiro à rítmica grega senão para aplicar-lhe o método à rítmica portuguesa das das as noções da análise combinatória dos ritmos, passo a mostrar, sucintamente, como arquitetaram os versos. Claro é, não me referirei aos pés irracionais (pódes álagoi), acidentes todos peculiares à rítmica quantitativa.

11. Os gregos reuniam os pés em kólon ou membros, e os membros em versos.

Dois pés iguais formavam uma dipódia; três, uma tripódia; quatro, uma tetrapódia; cinco, uma pentapódia; seis, uma hexapódia.

Essa divisão pode ser mantida nas línguas neolatinas, como veremos.

Esses membros podiam ser trocaicos, jámbicos, dáctilicos, anapésticos, créticos, péonicos, etc.

12. Vejamos a correspondência em português, substituindo breves por átonas e longas por tónicas.

a) Troqueu. Um kólon trocaico podia ser acatalético se não caía a breve final ou catalético se caía.

Suponhamos em português:

Linda rosa!

Temos aí uma dipódia trocaica acatalética. Se eu disser, porém:

Linda flor!

terei uma dipódia trocaica catalética.

Veremos que, hoje, contaríamos aí um pé crético. A dipódia trocaica daria, em português versos de três sílabas, caso contemos o verso, como deve ser, e não como insiste em contar o prof. Said Ali, somente até o último acento tónico.

A tripódia trocaica, acatalética ou catalética, daria versos de cinco sílabas. Exs.:

Quero | ver-te | Rosa (acatalética)
Sempre | linda a | rir (catalética)

A tetrapódia trocaica daria versos de sete sílabas:

Hei de | ver-te | linda | rosa (acatalética)
Sempre | linda a | rir a | rir (catalética)

A pentapódia trocaica daria versos de nove sílabas:

Nestes | mares | passam | lindos | barcos (acatalética)
Quem me | dera um | deles | para | mim (catalética)

A hexapódia trocaica daria versos de onze sílabas:

Raras | velas | vão sin | grandos os | altos | mares (acatalética)
Lindas | aves | singram | sob o | céu a | zul (catalética)

13. Jambo. A dipódia acatalética daria versos oxítonos de quatro sílabas:

Aqui | virei |
O gran | de rei |

Os membros jámbicos cataléticos não interessam ao ritmo português.

A tripódia jámbica daria versos de seis sílabas oxítonos:

O bo | te vai | singran | do a flor |

A tetrapódia daria versos de oito sílabas oxítonos:

Nasci | cantei |, ameí |, sofri |

A pentapódia daria versos oxítonos de dez sílabas:

Vencer | requer | amor |, deno | do e fé |

A hexapódia daria versos de doze sílabas oxítonos, como neste verso de Bilac:

Sem ar |, sem luz |, sem Deus |, sem fé |, sem pão |, sem lar |

14. Dáctilo. A dipódia dáctilica acatalética daria, em português, versos de quatro sílabas proparoxítonos:

Vejo-vos | príncipes |
Feitos uns | cômicos
Miseros | títeres
Postos de | cócoras

A tripódia dáctilica acatalética daria versos de sete sílabas proparoxítonos:

Vejo-vos | miseros | cômicos |
Entre spleen | dores e | lágrimas |

Se fosse paroxítona a última sílaba, teríamos a tripódia catalética em duas sílabas.

Vejo-vos | miseros | seres |

Se fosse oxítone, teríamos a tripódia catalética em uma sílaba (in syllabam).

Vejo-te | misero | ser |

A tetrapódia dáctilica acatalética daria versos de dez sílabas proparoxítonos:

Foram-se os | tétricos | dias ti | rânicos |

A pentapódia dáctilica acatalética daria versos de treze sílabas:

Foram-se os | últimos |, hórridos | dias ti | rânicos

E' o chamado metro simonideo, raríssimo.

15. Anapesto. Finalmente a dipódia anapéstica daria um verso hexassílabo:

Refulgên | cia estelar |

A tripódia daria um de nove. Em português, é o verso gregoriano, usado pelos românticos:

Rouca voz | começou- | me a chamar |

A tetrapódia daria um alexandrino anapéstico, como este de Bilac:

Carava | na que Deus | pelo espa | ço conduz |

16. Dos demais gregos, só tem importância, em rítmica moderna, o crético, o péon e o coriambo. Isto não significa ausência dos outros péons, do anfibraco, do braqueu, de um iónico. Porém, estes são raros.

O leitor curioso poderá completar a fastidiosa análise indicada para os principais metros e ter exemplos de dipódias, tripódias, etc., com créticos, coriambos ou péons quartos. Veremos depois qual o grande passo da métrica românica, especialmente a portuguesa, para completar a gigantesca arquitetura rítmica dos gregos.

★

A seguir: Ponto 8: Evolução da métrica greco-latina para a românica. A rima.

As Quotas Reembolsáveis

Por P. FERREIRA DA SILVA

Sendo as quotas reembolsáveis um meio de atender ao desenvolvimento da cooperativa, elas não podem entretanto representar promessa nem esperança de interesse, a não ser, para os respectivos contribuintes, o interesse comum de cooperar na função coletiva da sociedade.

O sistema econômico capitalista espalhou, arraigou e explorou costumes e hábitos interesseiros a que muito poucos indivíduos escapam, e temos de combatê-los de todas as maneiras. Não pensem portanto os associados ou os beneficiados pelas cooperativas que, solicitando-lhes uma quota de manutenção, reembolsável, a cooperativa esteja a acenar-lhes com uma restituição acrescida de qualquer vantagem, como as que vulgarmente se filiam aos processos de usura e negociação de dinheiro.

Temos por outro lado de admitir que, insensivelmente influenciados pelos usos capitalistas, de modo geral os indivíduos esperam qualquer coisa que corresponda à solicitação do seu dinheiro, uma compensação para o tributo, a menos que este assumida desde logo o caráter de sacrifício. Quer dizer que promovendo-se uma coleta para acudir a determinados fins, o contribuinte dá a sua parte sem nada esperar, mas quando se trata de adiantamento para entrega posterior de uma coisa, essa coisa tem de ser entregue sob pena de descontentamento por logro, burla ou trapaceira.

Um exemplo fácil de apresentar: reunidos em grupo, alguns anarquistas fazem um jornal de propaganda de suas idéias. Não há subsídios de partidos. O jornal é posto à venda, para quem seja ou não seja adepto da ideologia, mas o provento da venda não paga a confecção da folha. O grupo editorial, com outros companheiros que vêm cooperar, custeia o jornal por meio de contribuições voluntárias. Cada um dá a sua parte, maior ou menor, e nada mais

espera do que ver circular o veículo das suas idéias. O comprador avulso, por sua vez, paga cada número do jornal e entre ele e os editores não fica existindo mais nenhum laço nem compromisso material. Interrompendo-se a publicação, todos estão quietos com suas obrigações, inteiramente voluntárias e sem gerar direitos de terceiros.

Mas não se dará o mesmo se, comercializando a tiragem do jornal, o grupo aceita assinaturas recebendo adiantadamente a sua importância. Porque então fica a obrigação caracterizada de entregar ao assinante o jornal até o termo da assinatura. E temos de pensar que, seja o assinante adepto ou contrário, nós lhe demos o direito de receber a coisa antecipadamente vendida. Faltando a essa obrigação, seremos passíveis de censura. O procedimento não terá a correção precisa para nos impormos aos companheiros e, sobretudo, aos adversários. Aquele que deu uma contribuição espontânea, nada mais pede; o que pagou uma assinatura, adquiriu o direito de exigí-la até o fim.

Somos anarquistas, não nos preocupamos estas mesquinhas de dinheiro, mas vivemos na sociedade em que ele circula e por meio dele circulam os valores materiais, mais do que isso, o pão e as idéias. Resguardemos pois o conceito que nos é necessário, evitando que os contrários ou mesmo os indiferentes possam acusar-nos precipitadamente das misérias a que o dinheiro obriga os seus escravos capitalistas.

O reembolso das quotas de manutenção da cooperativa também não pode ter o aspecto de certas grandes burlas capitalistas, nas quais se promete devolver multiplicado o dinheiro recebido. Porque isso é impossível e está por demais desmoralizado, ainda que momentos de delírio e ilusão coletiva permitam às vezes o enriquecimento de algum espertalhão.

O fim de semelhantes logros é conhecido. Começa-se por garantir a devolução em dobro das importâncias entregues ao banqueiro ou financista, para negócios que ele mesmo não explica direito. Os ingênuos e os de boa fé acodem primeiro. Ao cabo de certo tempo recebem o prometido, sem indagar a razão, sem pensar que milagres são impossíveis e sem querer saber a quem ficou faltando o que lhes é entregue, quando não fizeram licitamente o menor esforço para o merecer. Passam a proclamar a excelência do sistema e a fazer dele propaganda. Outros correm à fonte maravilhosa deixando nela seus haveres. O autor da bandalheira recolhe cada vez mais riqueza, mas os seus compromissos são também cada vez maiores, começa a transferi-los e por fim rebenta, fugindo com milhões ou deixando-se cair sob as garras da polícia e as maldições dos prejudicados. Fatos destes têm acontecido, basta procurá-los na crônica policial das cidades ou nos anais da finança internacional.

Ficam aqui estes avisos, para que se saiba que tais processos merecem a nossa inteira repulsa e que, além de combatê-los, queremos com antecedência prevenir contra qualquer semelhança porventura vislumbrada no lançamento das quotas reembolsáveis. Semelhança que só poderia existir para os menos atentos, na apresentação inicial. Porque logo deverá aparecer aos olhos de todos, com bastante clareza, a diferença do sistema que, veja-se bem, não promete mais do que o reembolso da mesma quota, sem acréscimo algum. O fundo de manutenção, assim formado e alimentado na cooperativa, permite que esta se desenvolva e espalhe seus benefícios em maior escala. Eis aí a vantagem, para os contribuintes e para todos os que, direta ou indiretamente, são beneficiados com a ação cooperativista.

A quota reembolsável é apenas um empréstimo. E, numa cooperativa sem lucros, só pode admitir-se o empréstimo sem juros.

O anarquismo através do mundo

Noticiário fornecido pelas Associação Internacional dos Trabalhadores e Comissão de Relações Internacional Anarquista

França (AIT) — Nós dias 12 e 13 de Fevereiro do corrente ano houve importante reunião de militantes da Internacional Sindicalista Revolucionária (AIT), em Paris, à qual assistiram representantes dos diferentes organismos relacionados com o secretariado da Europa ocidental; compareceram delegados da Confederação Nacional do Trabalho Francesa (CNTF), delegados da Itália, Portugal, e da CNT espanhola; estiveram presentes também um delegado búlgaro, que informou sobre o terror bolchevista na Bulgária, e o secretário geral da AIT, camarada John Anderson, de Estocolmo.

Espanha (CRIA) — O conselho de guerra de Ocanha condenou à morte o ex-secretário geral do Comitê Nacional da CNT espanhola Enrique Marcos Nadal. Os demais companheiros incluídos no mesmo processo foram condenados a penas que oscilam de 6 a 30 anos de prisão.

Em outro processo realizado em Bilbao, o conselho de guerra pronunciou algumas sentenças terroristas contra o movimento antifascista. Mateu Obra Lira foi condenado sete vezes à morte e Saturnino Lopez, oito vezes. Também o foi Manuel Fernández Miñón; e Galardi e Arizaga, a 20 anos de prisão.

Portugal (AIT) — No pequeno mas valente jornal A BATALHA, órgão da Confederação Geral do Trabalho, seção portuguesa da AIT, lemos: José Vaz Rodrigues, nosso querido e valente camarada, faleceu depois de 11 anos de prisão na penitenciária de Coimbra, onde fora confinado por ordem de Salazar, no ano de 1937. A triste notícia nos chega à última hora; nada mais podemos dizer deste destacado idealista que acabou seus dias firme nas idéias pelas quais padeceria e morreu, um amigo dos trabalhadores, um apaixonado idealista que ansiava por ver todos os homens felizes, um anarquista finalmente.

Vaz Rodrigues, Pimenta, Mario Castelhanos e tantos outros se-

rão vingados e seu exemplo seguido na luta contra a tirania pelos que continuamos firmes na luta. Viva a C. G. T. ! Viva o ANARQUISMO !

Romênia (CRIA) — O Periódico anarquista italiano *Umanità Nova* publica uma informação sobre o movimento anarquista na Romênia que, hoje, vive submetida à mais terrível ditadura comunista. O movimento anarquista surgiu na Romênia no século passado. Quando as idéias de Bakunine foram propagadas por Paolides e outros militantes da 1ª Associação Internacional dos Trabalhadores, antes de 1939, *Panait Muscioiu* publicava uma revista (*IDEII*) e mantinha relações com militantes de outros países. Traduziu também uma série de obras clássicas do anarquismo para o idioma do seu país. Publicavam-se vários escritos anarquistas e havia grupos de ação antes de 1939. Todas essas atividades cessaram quando os nazis invadiram o país; *Muscioiu* foi detido e internado em um campo de concentração, falecendo três meses depois da entrada dos russos na Romênia. O jornal comunista *Scantela (Chisna)* escreveu que com a morte de *Muscioiu* havia morrido o anarquismo na Romênia. Na realidade os bolchevistas suprimiram todo movimento anarquista e os jornais comunistas não se cansam de insultar o anarquismo que, entretanto, continua lutando pela libertação completa do povo Romeno.

Argentina (AIT) — A Federação Obreira Regional (FORA) juntamente com a Federação de Obreiros em Construções Navais e o Sindicato de Carros e Carros Soltos, declararam uma greve geral no dia 3 de Março em solidariedade ao movimento dos gráficos. Nas últimas horas do dia dois, a cidade foi inundada de manifestos. Havia vários anos que não assistíamos a uma propaganda tão intensa, e não tínhamos a satisfação de ver o interesse do povo por nossos manifestos. Podemos afirmar que nos sentimos intensamente satisfeitos com o êxito da greve.

AS COLETIVIDADES na África Ocidental Francesa

Tendo permanecido durante quatro anos na colônia francesa de Dakar, observei, com admiração, as coletividades dos nativos, que são muito interessantes. Os ditos nativos passam nove, dos doze meses do ano, trabalhando na terra.

Entre eles não há dinheiro. E nenhuma promessa por parte dos patrões os convencerá a deixar de trabalhar na agricultura os meses que a ela dedicam.

As vilas que habitam são de palha. Afim de evitar que os incêndios que frequentemente destroem as vilas, lhes queimem os alimentos indispensáveis para passar o inverno, guardam-nos em pequenas ilhas que estão no centro do rio. De notar é que não têm vigias para guardá-los; nenhum deles se atreveria a tirar a mínima porção, pois como tudo é das coletividades e todos pertencem a elas, não pode haver ladrões. Assim demonstram que onde tudo é de todos não pode haver quem roube e não faz falta a polícia.

Não há chefes que dêem ordens; qualquer problema que se apresenta é resolvido por um conselho de anciãos que se reúnem em assembleias e dão solução coletiva ao problema.

Quando trabalham na terra, dividem-se em vários grupos. Enquanto uns pescam, outros se dedicam à agricultura e aos outros misteres que se apresentam. Por exemplo: de noite guardam as plantações de amendoim e hortaliças, para evitar que os animais que habitam a floresta causem dano aos seus trabalhos agrícolas. Então se nomeiam grupos de cada tribo que se encarregam de evitar que as feras façam estragos. Passam toda a noite, um grupo de um lado e outro do outro lado, a gritar mutuamente e em sentido inverso: Ah! Eh! Eh! Ah! Para humanizar esse trabalho dividem a noite em horas e as horas pelos grupos.

Os indivíduos que trabalham de noite não trabalham de dia e assim ficam contentes.

Desta maneira, amigos, esses indivíduos nos dão uma lição de moral.

Como por aí afirmam que a Anarquia é pura filosofia, eu lhes peço que me digam se isso que praticam os nativos africanos é filosofia ou é anarquismo na prática.

Viva a Anarquia que constrói!

G. B.



"Mariana Bueno, de 50 anos, solteira, residente na estação de Cosme, foi presa quando, disfarçada de irmã-de-caridade, angariava doações destinadas, segundo dizia, a um orfanato em Santa Cruz. A falsa freira, que já fora presa, há tempos, quando esmolava, conforme alegava, para outro orfanato, confessou tudo na Polícia".

— Não sei que subtil diferença descobre a Polícia, com seu faro arguto, entre uma freira falsa e uma verdadeira. Não andam ambas ao mesmo: atrás do vil papel? Não pedem umas e outras para as alminhas do Purgatório e para os necessitados? Se a caridade bem entendida, como disse um dos santos mais categorizados, começa por nós, não vejo mal em que também as pobres irmãs-de-caridade clandestinas arrecadem dinheiro para os necessitados, a cujo número pertencem. A diferença entre as falsas freiras e as verdadeiras estabeleça-se a Polícia, deixando as primeiras esvaziarem-nos livremente a carteira, e, em zelosa defesa do monopólio da salvação das almas, que o Estado assegure a Igreja, metendo as segundas no xadrez. As segundas, ao primeiro safanão da Polícia, confessam toda a verdade, enquanto as primeiras que nunca vão presas, continuam asseverando-nos que o dinheiro por elas granjeado vai direitinho, em "traveler's cheks", por intermédio do Banco do Brasil, correspondente do Banco do Vaticano, para as almas aprisionadas nessa rendosa mina de almas explorada pelo Padre Eterno, que é o Purgatório. As falsas freiras aplicam o dinheiro em coisas da Terra, enquanto as verdadeiras o exportam, com licença da Fiscalização Bancária, para um ponto do Infinito, que os astrônomos não lograram, até hoje, determinar. Entre umas freiras e as outras, prefiro as falsas. E' que, embora falsas, são mais verdadeiras. De resto, elas são, como eu, vítimas da cruel perseguição do Padre-Eterno, representado na Terra pela Igreja e pelo seu irmão gêmeo, o Estado. Ora, o meu lugar é sempre ao lado das vítimas. E' a elas, pois, que darei, de futuro, o meu óbolo!

★

"Dois templos protestantes incendiados pelos católicos no Estado do Rio. Ressurge a intolerância de Roma!" — protesta o órgão protestante.

— Não incendiou, há anos, em Londres, na democrática Inglaterra, um grupo de protestantes capitaneado pelo heróico Winston Churchill em pessoa, a Casa dos Anarquistas? Não queimam os puritaníssimos protestantes da Ku-Klux-Klan negros na livre Norte-América? Não ordenaram os protestantes juizes ianquis que fossem electrocutados na cadeira-elétrica os dois mártires anarquistas Sacco e Vanzetti, sucessores do sábio Miguel Servet, vítima da intolerância calvinista? Não, os protestantes nada ficam a dever aos católicos em intolerância. Talvez até os excedam, por ser a sua uma religião mais nova do que a romana e estar o grau de intolerância de uma seita na proporção inversa da idade desta. No fundo todas as religiões se equivalem: todas são escolas de fanáticos, de loucos, de reacionários, de homossexuais, de hipócritas, de assassinos.

★

"A vitória na China pertencerá, desta vez, ao povo. Os exércitos nacionalistas, apoiados pelos imperialistas da Wall Street, serão varridos pelos heróicos soldados da Revolução Libertadora!" — protesta o órgão nazisoviético.

— Sempre ingênuos os pobres filhos espúrios de Karl Marx! Da luta entre os nacionalistas chineses apoiados pelos imperialistas norte-americanos, e os nacionalistas chineses apoiados pelos imperialistas russos, sairão vencedores os armamentistas e financistas de ambos lados. Quem perderá será, uma vez mais, o povo, a velha carne-de-canhão de todos os ambiciosos de penacho. Quanto à Revolução Libertadora, os exércitos salvadores deixá-la-ão na China, como o fizeram na Rússia... para amanhã. A Liberdade só se conquista com a supressão da Autoridade — e isto não convém aos que querem continuar a viver às costas do próximo.

★

"Auxíliem a Igreja a manter os dispensários! Os pobres precisam do vosso óbolo! Tenham presente que quem dá aos pobres empresta a Deus! — pedincha num dos órgãos do vaticianismo indígena mons. Magalhães.

— Quem dá aos pobres empresta a Deus! Porisso mesmo nunca dou esmolas. E' que Deus é um grande caloteiro.

★

"O presidente da República Francesa recebeu em audiência Garry Davis, o "primeiro cidadão do mundo", felicitando-o pela sua campanha em favor da paz mundial".

— Como é belo viver numa democracia como a França, presidida por um eminente socialista! Pena é que, minutos depois de felicitar Garry Davis pela sua atividade em prol da paz, o presidente da República Francesa tenha assinado o terrível orçamento de guerra para 1949 e os decretos visando a intensificação da luta do exército colonial francês para submeter os indochinos.

★

"Terrível explosão numa fábrica em Detroit (Estados Unidos) arrasou um templo protestante, no momento em que centenas de fiéis assistiam a um ofício religioso. Houve 132 mortos e centenas de feridos" — noticiam as agências.

— Há dias, (pois quem havia de ser? Eu não fui, e tu tampouco, certamente, leitor!) o Deus dos protestantes jogou um raio sobre uma igreja católica em Espanha, matando, como as agências noticiaram, cinco fiéis que oravam ante o altar-mor. O Deus dos católicos, ardendo em divina cólera, não tardou em saborear o prazer dos deuses, fazendo voar o templo protestante. Os velhos deuses da mitologia greco-latina ainda não morreram: continuam a divertir-se com suas guerras no Olimpo. O diabo é quando, como agora, fazem correr sangue humano.

★

"O Brasil é um país a saque. Cada qual rouba o mais que pode!" — desabafou no Circo da Câmara, o sr. Acúrcio Torres.

— Cuidado com a língua, Acúrcio! Não queira arriscar o emprego de deputado, que é rendoso! Lembra-se da mulher e dos filhos!

★

"Os amigos do Governo colocaram-se todos contra o deputado Hermes Lima, quando este denunciou na Câmara os escândalos do petróleo" — estranha o "Correio da Manhã".

— Ingênuo escriba, em política não há amigos; há apenas cúmplices.

★

"Qual é o pior pecado: o da carne ou o da alma?" — interroga-se angustiosamente mons. Lula em sexta-feira de Paixão.

— Sossegue, reverendo marisco: o pior pecado é nunca ter pecado.

Da "Pátria do Proletariado"

SALÁRIOS E CUSTO DE VIDA

Regressou da União Soviética, em dezembro último, uma delegação norueguesa de técnicos em organização, que ali foi a convite do governo russo. São do extenso relatório que a referida delegação acaba de publicar em Copenhague os seguintes trechos:

"Os assalariados são classificados em 30 grupos diversos, de acordo com a espécie de trabalho. Em primeiro plano, se encontram as indústrias do carvão, do óleo e metalúrgicas, considerando-se como menos importante a indústria de mercadorias de consumo.

Dentro de cada grupo existem várias categorias de salários, segundo a qualificação. Em determinadas indústrias encontram-se 18 categorias. Por exemplo, na metalurgia há 8 classes, percebendo a primeira e a oitava, respectivamente, 1 e 4½ rublos por hora. Para trabalhos mais pesados ajustam-se de 15-20%.

Todo o sistema de salário tem por base também a capacidade de trabalho individual. Aquê que atinge 100% acima do padrão recebe um aumento de 150% no seu salário. O sistema de prêmios causa grande diferença no salário individual. Numa fábrica onde o salário médio mensal é de cerca de 800 rublos, encontram-se salários de 2 e 3 mil até 14.000 rublos. Os capatazes recebem quantia fixa mensal, variando entre 1.500 e 2.000 rublos. Se a execução corre de acordo com o plano eles também têm direito a um aumento no salário, conforme um sistema fixo, algo complicado.

Os impostos são baixos na União Soviética. Do orçamento público — 420 bilhões de rublos em 1948 — apenas 30 bilhões são cobertos por impostos diretos. 280 bilhões são obtidos do comércio e 100 bilhões as fábricas devem pagar de seu excesso de capital.

O aluguel de casas é baixo, e os transportes, os livros e jornais não custam caro. Mas é claro que o salário médio não permite comprar todas as mercadorias de primeira necessidade, as quais frequentemente não existem, em quantidade. Carne, manteiga, queijo, agasalhos e calçados são tão caros, que mesmo a média dos salários altos torna-se insuficiente para adquirir tais artigos. As mulheres devem ajudar os homens a equilibrar o orçamento doméstico. Em toda parte, vêem-se mu-



lheres, muitas vezes executando os trabalhos mais pesados na rua e em serviços de construção.

Por outro lado, encontram-se grupos cujos rendimentos lhes permitem um alto nível de vida. A essa categoria pertencem os operários "staknovistas", os técnicos e outros grupos na administração, e também os cientistas. Além disso, os escritores e os artistas têm renda que lhes possibilita um sólido nível de vida.

Os preços oficiais das mercadorias na Rússia variam segundo as regiões.

Os principais gêneros são os seguintes:

| | rublos | |
|--------------------------------------|----------|------------|
| Pão de centeio kg. | 2,80 | — 3,20 |
| Pão de trigo kg. | 6,20 | — 7,80 |
| Macarrão kg. | 9,00 | — 11,00 |
| Açúcar kg. | 13,50 | — 16,50 |
| Carne kg. | 28,00 | — 32,00 |
| Manteiga kg. | 62,00 | — 66,00 |
| Margarina kg. | 28,00 | — 32,00 |
| Arenque salgado kg. | 17,00 | — 20,00 |
| Ovos, por dezena | 10,00 | — 18,00 |
| Chá 100 gr. | 16,00 | |
| Café kg. | 75,00 | |
| Cerveja, por meio litro | 7,00 | |
| Um vestido de lã | 510,00 | — 560,00 |
| Um terno de meia lã para homem | 1.400,00 | — 1.500,00 |
| Meias de matéria plástica para homem | 17,00 | |
| Galochas | 45,00 | |
| Sabão, por 100 gr. | 4,00 | |
| Cigarros, maço de 25 | 6,30 | |
| Vodka (aguardente), meio litro | 60,00 | |

A ANARQUIA

ERRICO MALATESTA

"Anarquia" é uma palavra de origem grega, que significa propriamente: "sem governo" — estado de um povo que se rege sem autoridade constituída, sem governantes.

Antes de tal concepção entrar a ser considerada como possível e aceitável por toda uma categoria de pensadores e de ser tida como escopo de uma facção, que é hoje um dos fatores mais importantes da moderna luta social, a palavra "anarquia" era por todos tomada no sentido de desordem, de confusão e ainda hoje nesse sentido é empregada pelo povo ignaro e pelos adversários interessados em desfigurar a verdade. Mas deixemos de exames filológicos. A questão não é filológica, é histórica. O sentido vulgar da palavra nada tem que ver com o seu sentido verdadeiro e etimológico. Ele é devido ao preconceito de que o governo é órgão necessário da vida social e de que, por consequência uma sociedade sem governo deve ser presa da desordem e oscilar entre a prepotência desenfreada de uns e a cega vingança de outros.

A existência desse preconceito e a sua influência no sentido que o público tem dado à palavra "anarquia", facilmente se explica.

O homem como todos os seres vivos, adapta-se e habitua-se às condições em que vive. Assim foi que o homem nascido e criado na servidão e herdeiro de uma longa progênie de escravos, quando começou a pensar, imaginou que fosse condição essencial da vida a escravidão e pareceu-lhe impossível a liberdade. Por maneira semelhante o operário, vítima de uma violência de séculos e acostumado ainda a esperar o trabalho, isto é, o pão, da boa vontade do patrão, e a ver a sua vida continuamente à mercê dos possuidores da terra e do capital, acabou por se capacitar de que o patrão é quem lhe dá de comer e pergunta ingenuamente como se poderia viver se não houvesse senhores.

Equivalia isto ao indivíduo que tendo nascido com as pernas ligadas e achado depois um meio qualquer de andar, atribua a facilidade de se mover precisamente às liaduras, que não faziam mais que diminuir-lhe a força muscular das pernas.

Se, pois, aos efeitos naturais do hábito se ajuntar a educação do burguês, do padre, do profes-

sor etc., interessados em fazer ver que os senhores e o governo são necessários e além disso se juntar a pressão dos juizes e da polícia, esforçados em reduzir ao silêncio aquele que pensa de modo diferente e trata de propagar as suas idéias, compreender-se-á como nos cérebros pouco cultivados das massas laboriosas se arraigou o preconceito da utilidade e necessidade do patrão e do governo.

Suponhamos, no caso figurado do indivíduo com as pernas ligadas, que um médico lhe expunha toda uma teoria e mil exemplos habilmente preparados para o persuadir de que com as pernas soltas não poderia andar nem viver: ele defenderia ardentemente as ligaduras e consideraria inimigo todo aquele que as quisse cortar.

Eis, como — (pois que se chegou a crer que o governo é necessário e que sem governo não pode haver senão desordem e confusão), é natural e lógico que a anarquia, que significa ausência de governo, seja também tida por ausência de ordem.

O fato tem, por outra parte, explicação histórica. Na época e nos países em que o povo tinha por necessário o governo de um só — monarquia — a palavra "república", que é o governo de muitos, usou-se sempre na acepção de desordem e confusão, a ponto de se conservar esta acepção ainda hoje viva na linguagem popular de quase todas as nações. Modificai as opiniões, convencei o povo de que o governo não só não é necessário, senão que é também extremamente nocivo e então a palavra *anarquia* do mesmo modo que significa ausência de governo, significará para toda a gente ordem natural, harmonia dos interesses e necessidades de todos, liberdade completa na solidariedade.

São, portanto, injustos aqueles que dizem que os anarquistas escolheram muito mal o seu nome, já que ele é erradamente entendido pelas massas e se presta a uma falsa interpretação. O erro não depende da palavra, mas da própria coisa em si, e as dificuldades que encontram os anarquistas na propagação não dependem do nome que se dão, mas do fato de os seus conceitos combaterem todos os interesses preconcebidos do povo sobre as funções governamentais, ou, como costuma dizer-se, sobre o Estado.

A delegação conclui da seguinte maneira: Os preços são muito altos. A obtenção de mercadorias é suficientemente fácil, no que se refere aos alimentos mais necessários, como pão, batatas e legumes. Os preços, porém, da carne, da manteiga, do queijo, do peixe, de agasalhos e semelhantes são tão altos em comparação com os salários, que muito poucas pessoas podem consumir tais alimentos diariamente. Para o vestuário e os calçados sobra pouco do salário e são precisamente estas mercadorias as mais caras.

O quadro dos habitantes reflete perfeitamente este aspecto: eles parecem ter suficiente alimentação, porém estão mal vestidos. Principalmente o calçado deixa muito a desejar. Comparando o nível de vida do trabalhador comum da Noruega com o da União Soviética no tempo de após-guerra, pode-se dizer que, se para o norueguês encontramos o índice de vida 100, para o soviético encontramos apenas 60 o que significa que a capacidade de compra do trabalhador russo é quarenta graus inferior à do trabalhador da Noruega".

HINO A STALIN

Nos últimos anos, acostumei-me a ouvir, com frequência, os chamados "programas culturais" da rádio de Moscou. A certa altura verifiquei que o hino "A Internacional", com que dantes começavam e terminavam estes programas, desaparecera por completo, substituído por uma marcha militar. Algumas vezes ouço agora o locutor anunciar: "Em seguida, o coro entoará o hino a Stálin". Dado o meu desejo de conhecer a letra deste hino, procurei na coluna de correspondentes de muitas publicações esperantistas o endereço de algum camarada soviético, porém tudo resultou em vão. Alguém de boa vontade recomendou-me entrar em contacto com algum dos operários soviéticos que anteriormente haviam fugidos de prisões alemãs na Noruega e agora trabalham em diversas localidades da Suécia, alguns mesmo em minha cidade. Interrogado um deles a respeito, respondeu-me que não lhe era possível saber de cor todos os hinos a Stálin, pois, além do assim chamado, existem outros a — ante — após — até — com — conforme — consoante — de — desde — durante — em — em volta — entre — junto — por causa — sob — sobre — através do camarada Stálin. Falta, apenas, acrescentou, um hino contra o camarada Stáline.

DEKNAU

A Sociedade Libertária

Por JORGE BASTIEN

PRIMEIRA PARTE

1 — DESTRUIR PARA CONSTRUIR

Os anarquistas querem destruir tudo: estado, jurisprudentia, polícia, exército, propriedade privada, dinheiro, comércio, exploração do homem pelo homem, moral, religião, pátria, família. São destruidores sistemáticos de toda a ordem social contemporânea. Para onde querem eles ir? Que pretendem eles? É o que vamos explicar-vos. Entendem os anarquistas que a sociedade contemporânea está construída ao contrário de toda razão, de todo espírito de igualdade e humanidade. Tudo para meia-dúzia de indivíduos, que aliás não sabem aproveitá-lo; nada para os outros, que são a grande maioria e precisamente os que mais produzem.

As atuais instituições econômicas, que estabelecem o que se pode chamar a ditadura do ventre, estão inteiramente a favor dos parasitas e contra os produtores da riqueza social, os últimos dos quais se encontram submetidos à miséria, à servidão. As instituições políticas formam, por outro lado, uma vasta rede de violência sistemática por meio da qual as massas humanas são mantidas na escravidão. A moral oficial, religiosa e patriótica, completa a obra de monstruosa desigualdade, endurecendo e estupidificando os cérebros dos trabalhadores, fazendo-os adorar os seus inimigos, enchendo os espíritos de preconceitos para que eles não vejam claro, e cultivando o ódio nos corações para dividir os oprimidos, visto que o acordo entre estes seria perigoso para os dominadores.

Tudo isto — a autoridade política, econômica e moral — foi estabelecido lentamente, através de séculos e de épocas sucessivas,

chegando até nós como um bloco no qual todos os elementos constitutivos se sustentam mutuamente, isto é, no qual as diversas formas da autoridade se sustentam umas às outras. Não se extirpará, porisso, uma delas, sem que se destruam as outras. Assim, se uma forma qualquer de domínio (político, econômico ou moral) subsistisse após a revolução, ela seria o suficiente para ressuscitar todas as demais... e tudo voltaria ao estado anterior. Isso foi, aliás, o que até hoje sucedeu em todas as revoluções da História.

As experiências do passado ensinaram-nos que não se devem fazer as coisas a meias, que não nos devemos contentar com aplicar remédios sociais, os quais não impedem de continuar de pé o velho e bafiento pardião da sociedade capitalista e autoritária em que vivemos.

É um novo mundo o que é necessário erguer, um contrato social inteiramente diferente do antigo o que queremos instituir. É necessário que a autoridade de uns homens sobre outros, não inferiores, mas frequentemente até muito superiores aos que governam, ceda lugar à associação de homens livres; a exploração, à organização social baseada na verdadeira igualdade; o ódio, ao espírito e à prática da solidariedade.

Se se quer construir uma casa no lugar de outra, e se não se dispõe de outro terreno, é imprescindível, em primeiro lugar, que se dite por terra a velha casa. Ora, visto que o globo terráqueo está quase todo em posse dos privilegiados, que conservam a humanidade inteira sob seu jugo, é óbvio que somente sobre as ruínas das instituições atuais poderemos erguer a sociedade libertária do futuro.

No próximo número: "O Estado".

Racionalismo Humanitário

Quando há seis anos tivemos o grandioso prazer de abrir a Escola Moderna de Barcelona, fizemos ressaltar muito que o sistema de ensino seria racional e científico. Primeiro que tudo desejávamos advertir o público de que, sendo a razão e a ciência antidotos de todo o dogma, na nossa escola não se ensinaria religião alguma. Sabíamos que esta declaração provocaria o ódio da casta sacerdotal e que nos veríamos combatidos com todas as armas que costumam empregar essas pessoas que só vivem de enganos e hipocrisias, e tanto sabem abusar da influência que lhes dá a ignorância dos seus fieis e o poder dos governos. Mas quanto mais se nos falava da temeridade a que nos expúnhamos, pondo-nos tão francamente em frente da igreja imperante, mais alentos sentíamos para perseverar em nossos propósitos, convencidos de que quanto maior é um mal e quanto mais poderosa é uma tirania, mais vigor se há de empregar para a combater e mais energia se há de gastar para a destruir.

O clamor geral elevado pela imprensa clerical contra a Escola

Moderna, a que poderemos dever um ano de cárcere, prova-nos que acertamos na escolha do método de ensino e nos há de dar a todos os racionalistas novos alentos para prosseguir a obra com mais ardor que nunca e engrandecê-la, propagando-a até onde o nosso poder alcance.

É necessário advertir, sem embargo, que a missão da Escola Moderna não se limita ao desejo de fazer desaparecer dos cérebros o preconceito religioso, porque se bem que este seja um dos que mais se opõem à emancipação intelectual dos indivíduos, não conseguiríamos só com isso a preparação da humanidade livre e feliz, posto que se concebe um povo sem religião e também sem liberdade.

Se a classe trabalhadora se libertasse do preconceito religioso e conservasse o da propriedade, tal qual hoje existe; se os operários julgassem como certa a parábola de que sempre terá de haver pobres e ricos; se o ensino racionalista se contentasse com o difundir conhecimentos sobre a higiene, sobre as ciências naturais e preparasse somente bons aprendizes, bons dependentes, bons empregados e bons trabalhadores de todos os ofícios, poderíamos muito bem viver entre ateus mais ou menos sãos e robustos segundo o escasso alimento que podem permitir os mínguados salários, mas não deixaríamos de nos encontrar sempre entre escravos do capital.

A Escola Moderna pretende combater quantos preconceitos dificultem a emancipação total do indivíduo e para isso adota o racionalismo humanitário que consiste em inculcar à infância o afã de conhecer a origem de todas as injustiças sociais para que, com o seu conhecimento possa logo combatê-las e opôr-se a elas.

O nosso racionalismo humanitário combate as guerras fratricidas, sejam intestinas ou exteriores, combate a exploração do homem pelo homem, combate a relegação em que têm a mulher e combate todos os inimigos da harmonia humana como são a ignorância, a maldade, a soberba e outros vícios e defeitos que têm dividido os homens em tiranos e tiranizados.

O ensino racionalista e científico da Escola Moderna há de abarcar, como se vê, o estudo de tudo o que seja favorável à liberdade do indivíduo e à harmonia da coletividade, mediante um regime de paz, amor e bem-estar para todos, sem distinção de classes, nem de sexos.

Francisco Ferrer y Guardia — 1 de Junho de 1907.



LEITURA QUE ACONSELHAMOS

EM PORTUGUES

- Roberto das Neves — "Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Cr\$ 50,00.
- P. Kropotkine — "Em volta de uma vida" (autobiografia) — Cr\$ 40,00.
- Rodolfo Rocker — "Idéias absolutistas no socialismo" — Cr\$ 18,00.
- José Otiteica — "O Anarquismo ao alcance de todos" — Cr\$ 12,00.
- Tomaz da Fonseca — "Sermões da Montanha" — Cr\$ 40,00.
- Separata dos "Sermões da Montanha" com 30 gravuras — Cr\$ 5,00.

AS DUAS GRANDEZAS

(CAMPOAMOR)

- Um altivo, outro sem lei, assim dois falando estão: — Eu sou Alexandre, o rei. — E eu, Diógenes, o cão.
- Quero tornar-te invejada a vida de caracol. Diz o que queres! — Eu? Nada. Que não me tires o sol...
- Meu poder... — É assombroso, mas a mim nada me assombra. — Posso fazer-te ditoso. — Sim, não me fazendo sombra...
- Terás tudo o que te apraza: um palácio e um docel... — Mas, para que quero casa maior do que este tonel?
- Usarás mantos reais de ouro e seda! — Nada, nada! Não vêes que me abriga mais esta capa remendada?!
- Ricos manjares devoro. — Eu sustento-me com pão. — Bebo o Chibre em taças de ouro. — E eu bebo água pela mão.
- Mandarei quanto tu mandes! — Das coisas vãs ó vaidade! E é a miséria tão grandes, que chamas felicidade?!
- O meu poder é sublime, com glória o dou a saber. — A glória — capa do crime. Crime sem capa — o poder!
- Tôda a Terra, furibundo, ao meu cetro submeti. — E és tu o dono do mundo, não sendo dono de ti?!
- Sei bem que, do orbe dono, seréi o mais venturoso. — Será teu último sono o teu primeiro repouso.
- A meu arbitrio dou leis. — Tão injusto te apregoes?! — Levo vencidos cem reis. — Filibusteiro de c'roas!
- Viverei aborrecido, mas não seréi olvidado. — Viverei desconhecido; nunca, porém, odiado.
- Adeus! Não posso romper do teu cinismo o crisol. — Adeus! Sou feliz, por ver que não me roubas o sol!
- Em um altivo, outro sem lei, um soberbo, outro implacável: — Miserável! — diz o rei. E o sábio diz: — Miserável!

ROBERTO DAS NEVES